

Adriana Lisboa. *Todo o tempo que existe*. Belo Horizonte: Relicário, 2022. 133p.

“Mas que medo temos de falar da morte! É sempre preciso chegar-se a ela meio de banda, trazendo nos bolsos um punhado de alegria para engolir nos momentos mais duros. A morte não é fácil, não tem intermediários, desconhece adjetivos, recusa eufemismos. No entanto, a morte acontece sempre no hoje. Ela é uma fresta que se abre em todas as outras narrativas possíveis, soberaníssima, para dar passagem ao que há.” (p.16). Assim, corajosamente, Lisboa conclui o primeiro capítulo deste novo livro e revela o tom de sua narrativa: um testemunho de amor a tudo que significa vida.

Adriana Lisboa, poeta, romancista premiada, emerge nessa obra como *persona*, assumindo um compromisso consigo mesma, explorando a “[...] bela, estranha e frágil existência cujo protagonismo por acaso é nosso” (p. 09). *Em Todo o Tempo que Existe*, a autora procura sondar as veredas de “todo o tempo”, percorrendo os sentidos possíveis do instante de uma vida inteira. Olha para a existência com sensibilidade, atravessada pela poesia, compartilhando momentos de extrema fragilidade, desencadeados pela perda dos pais: a mãe, em 2 de fevereiro de 2014 e em 20 de agosto de 2021 “sete anos, seis meses e dezoito dias depois de minha mãe” (p. 13), o pai. O seu olhar sobre a morte presentifica o passado, desgarrando-se de uma noção linear e causal, para embrenhar-se por “todo o tempo”, que é presente, simultâneo, esférico, inteiro.

A narrativa de cunho autobiográfico desenha o ordenamento dos capítulos - não numerados, nem nomeados - pelo ritmo associativo de memórias, transitando entre os flashbacks e o tempo em que as ações acontecem. De certa forma, a composição da estrutura da obra espelha o fluxo dos pensamentos surpreendidos pela atmosfera que ela encontra no Rio de Janeiro. O clima e seus desassossegos, a exuberância e o silêncio das árvores no Jardim Botânico, o cheiro peculiar das instalações hospitalares, a aparência dos objetos pessoais, a textura, as cores, as tessituras sonoras da cidade se mesclam ao turbilhão de sentimentos nascidos no arco que vai se estabelecendo desde

a notícia da hospitalização do pai até o falecimento. O tempo vagueia conforme a narradora-protagonista desabotoa suas emoções.

Entre as íntimas narrativas pessoais e as grandes narrativas reais ou ficcionais está a vida e a liberdade que a arte propicia para entrar e sair dela, ileso ou não. Essa liberdade a autora entrega a sua obra, possibilitando que cada nova abertura de capítulo se integre a anterior, ou ainda, que circule livremente pelas mãos dos leitores, como um ensaio, nascido de reflexões sobre a escrita e o próprio ato de escrever: “Marguerite Duras disse que ‘escrever é tentar saber o que escreveríamos se fôssemos escrever’. Então, toda escrita é um improviso, mesmo quando se tem tudo perfeitamente planejado – ‘perfeitamente planejado’ – é, ademais, uma contradição de termos, como a vida deixa claro todos os dias ” (p.37).

Sua humana humanidade (redundância necessária), com raízes budistas, se equilibra em sintonia com a natureza, evitando a vitimização. Adriana Lisboa enfrenta o luto, desencadeando um processo de autoconhecimento, vasculhando o verso e reverso de sua consciência. O tom reflexivo que adota sublima a própria dor, irmanando seu sentimento de perda com as vítimas da Covid-19 (seu pai foi uma delas), com as florestas agonizantes, com a insensatez do momento político brasileiro e tantos outros descaminhos que a levam a perceber que há uma preocupante fissura nas camadas mais profundas da sociedade que “[...] está na conta do antropoceno.” (p. 111).

A obra é um convite aberto para a interlocução entre a filosofia, a literatura, a música, a mídia, a poesia, com autores e obras contemporâneos e seculares, em uma tentativa de redimensionar sensações e significados a partir das inúmeras perdas cotidianas. Vale ressaltar que essa condição polifônica se estende à própria natureza da memória que tem em si as vozes do vivo e do vivido. Tais aspectos, imbricados à delicadeza no tratamento do tema, produzem uma prosa leve, fluida e de qualidade poética.

Lisboa cria uma determinada organização do narrar, um conjunto de signos e um certo uso de metáforas para explorar regiões da alma. Assim guarnecida, por um lado questiona de que forma a totalidade de uma existência se encaixa no tempo que é sempre presente, em relação à experiência, e a memória da experiência; por outro,

entende que o esquecimento é uma forma de homenagear, viver e celebrar aqueles que perdemos. Sabe que trilha um itinerário que é de todos e por isso, talvez, convide a dançar com “vagalumes que recusam a extinção. [...] neste hoje que é todo o tempo que existe” (p.125).

A aproximação da morte arranca a vida de sua ilusão de infinitude. Aquela, na maioria das vezes, nem é percebida rondando a casa, nem acompanhando nossos passos pela rua. As cidades, os sonhos, as urgências nos fascinam. E quando a morte nos torna órfãos, repisamos atônitos os caminhos. Na linha do horizonte, meio à deriva, começam a surgir vozes esquinadas, de tempos metamorfoseados e novas referências se tornam raízes e prumos. De uma certa forma, é com os novos e velhos lugares que a autora reorganiza seu entorno e transforma as frestas em portas, confidenciando ao amor que se sinta em casa outra vez. Afinal, como dizia Borges, do Sul não se volta o mesmo.

Adriana Lisboa transita não apenas pelos campos da literatura, mas também da música e da arte em sua formação. É bacharel em música/flauta transversa e fez doutorado em Literatura Comparada. Estudou pintura e desenho na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro, e na Art Students League de Nova York. Escritora, tradutora e poeta, nasceu no Rio de Janeiro, em 1970. Autora premiada e traduzida em mais de vinte países, escreve romances, ensaios, contos, obras infanto-juvenis e poesia. Entre suas obras, estão os romances (prêmio José Saramago), *Um Beijo de Colombina*, *Rakushisha*, *Azul Corvo*, *Hanói* e *Todos os Santos*. Além disso, publicou os poemas *Parte da Paisagem*, *Pequena Música*, *Deriva*, *Equator* (em inglês) e *O Vivo*. Segundo o site da autora, traduziu para o português várias obras, entre elas, “*Hiroshima meu Amor* e *Moderato Cantabile*, de Marguerite Duras, *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë, *A Estrada*, de Cormac McCarthy, *A Porta*, poemas de Margaret Atwood, e *Uma Voz Vinda de Outro Lugar*, de Maurice Blanchot. Com Mariana Ianelli, assinou uma seleção e tradução de 40 poemas de José Lezama Lima, intitulada *Dupla Noite*.

Suzana Pagot
Poeta
Doutora em Literatura Brasileira